

mo erroneamente se considera, “um trabalho puramente empírico” (pág. 23) mas visa expor e justificar a idéia aristotélica das quatro formas de democracia, cuja análise ocupará os autores na parte mais extensa da obra: Capítulo IV — Primeira Democracia: Sólon e Pisistrato; Capítulo V — Média Democracia; Clístenes, o Areópago; Capítulo VI — Quarta Democracia e Revolução.

A sensibilidade dos autores, para problemas de grande importância da ação de condições sócio-políticas reais de Aristóteles sobre sua obra, é limitada. O Capítulo II — População e Democracia, trata da questão de forma expositiva, sendo dada a orientação por expressões como: “na Política Aristóteles sugere”... “êle (Aristóteles) diz que a classe superior foi fraca na liderança”... mas não se ultrapassa os limites da apresentação quase fotográfica. O mesmo acontece no capítulo VII (último — A AP e o historiador. As posições surgem mais definidas mas, mesmo assim, preocupam-se os autores muito mais com o Aristóteles filósofo (e injunções sobre a obra) do que com Aristóteles homem atingido pela época, vivendo e, direta ou indiretamente, retratando a época.

ISTVÁN JANCsó.

\*

\* \* \*

ARNOLDSSON (Sverker). — *La Conquista Española de América Según el Juicio de la Posteridad*. Madrid, Insula, 1960, 75 pp.

O tema sobre o qual se elaborou o presente ensaio é de indiscutível atualidade. Atente-se para a abundante literatura produzida e para o elevado número daqueles que, denegrindo ou defendendo a política colonial espanhola, tem enriquecido a já rica biblioteca histórica americana e européia.

O Autor, ante os aspectos inúmeros e complexos determinados pela Conquista Espanhola da América, limitou seu estudo à procura de uma resposta para a seguinte formulação:

“Fue la Conquista una acción salvaje, la cual, en interés de los conquistadores, sojuzgó o, de otro modo, perjudicó a los indios, o fue una cruzada, la que, desde uno u otro punto de vista, liberó o, de otra forma, benefició a los indios?” (pág. 11).

A solução, procurou-a num verdadeiro trabalho de exegese bibliográfica, apresentando, de maneira imparcial, as opiniões de cronistas, historiadores, ensaísta e literatos hispano-americanos e europeus que, do século XVI ao século XX, se tem ocupado de tão apaixonante assunto.

Ao analisar as obras de três escritores espanhóis do século XVI, o Sr. Arnoldsson busca o equilíbrio de opiniões sobre a Conquista. P. Bartolomé De Las Casas, na sua *Brevísima relación de la destrucción de las Indias* considerou a Conquista:

“...como cosa inmoral; había sido llevada a cabo con violencia ilegal” (pág. 14).

O P. Gerónimo de Mendieta, autor de uma **Historia Eclesiástica Indiana**, aproxima-se muito da opinião de Las Casas, ao condenar as formas em que se processou a Conquista; dêle diverge, porém, quando eleva Cortez à posição de um profeta, apóstolo do Cristianismo em terras americanas. Opinião contrária é a de Francisco López de Gómara, expendida na sua **Historia General de las Indias**. Faz a apologia da Conquista. Para o Autor

“Es el ideal de cultura secularizado del Renacimiento que López de Gómara proclama...” (pág. 20),

ao expor todos os benefícios advindos com a Conquista. Receberam os índios, dos espanhóis, uma religião, que os libertou da poligamia, da sodomia, do canibalismo ritual.

“...Hanles enseñado latín y ciencias, que vale más que cuanta plata y oro les tomaron...” (pág. 20).

Las Casas, pelo extremado filo-indianismo que se derrama, por vêzes deturpado, por tôda sua obra, concorreu muito para o incremento da **Leyenda Negra**, dessa **leyenda negra** que ainda hoje suscita acalorados debates em tôrno do seu triplice aspecto: a crueldade do conquistador espanhol para com o aborigene americano; a política obscurantista posta em prática pela Corôa de Espanha no sentido de impedir qualquer manifestação de ordem intelectual e artística na América; a tirania política da administração espanhola em terras americanas. Para o Autor, os propagandistas apologéticos e unilaterais da **leyenda negra** cometem parcial omissão:

“La actividad de la Iglesia y de la Corona de España... para proteger a los naturales de la explotación brutal de los conquistadores, de los arbitrarios trabajos forzosos y esclavitud, no se nombran en esta propaganda” (pág. 25).

Passa o Autor a analisar os conceitos da

“...Europa protestante del siglo XVII...” (pág. 26).

emitidos sôbre a Conquista, onde

“las crueldades de aislados conquistadores se presentan como resultado de una política estatal papista de España” (pág. 27).

Analisa ainda, a reacção espanhola a esta deturpação de sua política colonial. Reacção que impôs restrições à liberdade de expressão dos cronistas espanhóis.

A seguir, o Sr. Arnoldsson passa a tecer considerações sôbre a literatura específica do século XVIII, quando opiniões de historiadores anti-clericais e anti-espanhóis como a de Guillaume Raynal em **Histoire philosophique et politique des établissements et du commerce des Européens dans les deux Indes**, provocam reacção e protestos, em Espanha e Colônias, maiores do que os do século precedente. Era argumento desta reacção

“...que otros colonizadores europeos habían mostrado una brutalidad mayor que la de los españoles, pero que, a diferencia de ellos, no habían producido ningún Las Casas que criticase valientemente la violencia de los fuertes para con los débiles... .. Gracias a hombres como Las Casas el mundo había alcanzado a conocer más sobre las aisladas crueldades españolas que sobre el sistemático exterminio de los indígenas que hacían los ingleses y los portugueses en sus colonias” (pág. 31).

Por outro lado, a posição benevolente de ponderável grupo de historiadores do século XVIII em relação à Conquista, deve-se, em parte, às reformas coloniais de Carlos III levadas a efeito nos campos econômico, social, administrativo, na segunda metade desse século. Essas modificações, na medida em que franqueavam a América Hispânica ao mundo, tornavam a Espanha — sua política, sua cultura, sua civilização — simpática à Europa.

Elucidativo é o estudo a que se abalança o Autor sobre historiadores hispano-americanos de fins do século XVIII; destaca as obras do P. Francisco Javier Clavijero e P. Andrés Cavo, do México; P. Juan de Velasco, do Equador e P. Juan Molina, do Chile. Não adotam posições extremadas pró-índios, como Las Casas, ou pró-civilização branca cristã, como Gómara:

“Dejan a los propios conquistadores y a los propios indios fundirse juntos en una sinfonía nacional” (pág. 34).

Ainda, segundó o Autor:

“Ya en estas obras de finales del siglo XVIII se vislumbra por vez primera la identificación de la antigüedad india y la moderna Hispanoamérica. La Historia, incluso la historia de la Conquista, empieza a considerarse desde el punto de vista indio. En ello está la semilla de una revolución completa del concepto de la historia en la América española” (págs. 36-37).

Lança-se o Autor, a seguir, a analisar o século XIX, o século XIX americano, o século da América Independente. Todos os pronunciamentos de então, desde os de Bolívar, condicionados por jacobinismo compreensível, tendiam a denegrir a política colonial espanhola seguida na América durante três centúrias. Protestos moderadores levantaram-se em meados do século. Destaca o Autor o de Lucas Alamán, in **Historia de Mejico**... Este historiador mexicano, em prol da ação da Corôa Espanhola na América, apresenta dois novos pontos de vista sobre o período colonial:

“a) sean cuales fueran las debilidades que se pudiesen imputar a la política colonial del siglo XVII, habrían desaparecido con las reformas borbónicas del siglo XVIII; era un imperio próspero y con capacidad de desarrollo...

b) España, mediante la Conquista, había unificado cientos de tribus indias... dado una misma lengua, una misma religión, dirección y fuerza militar. Lo que había significado lo veía uno ahora... después de la guerra americano-mexicana de 1846-1848 que terminó con que el aislado México tuvo que ceder aproximadamente la mitad de su territorio a un pueblo de distinta cultura, religión y raza” (págs. 43-44)

O Autor conclui êste ensaio, chamando a atenção para a contemporaneidade dêste assunto ao afirmar que

“la Conquista es todavía hoy uno de los temas más discutidos en la América española” (pág. 44).

Corrobora o acalorado da discussão entre hispanistas e indigenistas ao trazer o testemunho de líderes hispano-americanos de três escolas: o hispanista José Vasconcelos; o indigenista moderado Manuel Gamio, ambos do México, e o indigenista exaltado Luís E. Valcárcel, do Perú.

Coerente com a estrutura do trabalho — apresentar a conquista espanhola da América nas opiniões daqueles que se abalancharam a estudá-la, nestes últimos 5 séculos — o Dr. Arnoldsson não enfoca a questão segundo seu ponto de vista particular, isto é, não se define ante êste magno problema histórico.

Completa o volume em tela uma nota biográfica sôbre o Autor, falecido em novembro de 1959. Conhecedor profundo das culturas ibérica e hispano-americana, percorreu, por longo tempo, a América Espanhola e os países ibéricos. Especializara-se em problemas relativos à Conquista espanhola da América, sendo sua obra maior, **La Leyenda Negra. Estudios sôbre sus orígenes**, publicada em Gotemburgo, em 1960.

O presente ensaio, edição póstuma, a primeira em espanhol, merecera anteriormente duas impressões em Estocolmo, em 1953 e 1958.

Trabalho de alto valor científico, êste do Dr. Sverker Arnolds-son, ao esquematizar assunto que tem gerado opiniões tão extremadas, e, em boa hora publicado pelo Instituto Ibero-Americano de Gotemburgo.

#### MANUEL LELO BELLOTTO

\*

\* \*

DIAS (Manuel Nunes). — **O Capitalismo monárquico português (1415-1549). Contribuição para o estudo das origens do Capitalismo moderno.** Coimbra, 1963. Vol. I| 633 pp.

Êste livro, publicado pelo Instituto de Estudos Históricos Dr. Antônio de Vasconcelos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, constitui o primeiro volume da tese com que o Prof. M. Nunes Dias conquistou brilhantemente o doutoramento na Universidade de São Paulo. O segundo volume, que completará a obra, encontra-se em curso de publicação no mesmo instituto da secular Universidade coimbrã. Por isso, nesta resenha, tentaremos apenas indicar sinteticamente o conteúdo dêste tomo, já que não faria sentido e mesmo seria impossível uma discussão crítica mais profunda sem o conhecimento da obra completa. Contudo, a importância da contribuição contida neste primeiro volume justifica a nossa nota informativa.